



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**JORNALISMO ESPECIALIZADO – JORNALISMO CIENTÍFICO:  
ANÁLISE CRÍTICA, ESTUDO DE CASOS E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS E  
DE UM NOVO CURRÍCULO DISCIPLINAR<sup>1</sup>**

**Ricardo Alexino FERREIRA  
Doutor em Ciências da Comunicação  
Universidade Estadual Paulista**

Resumo

Parte-se do princípio que é um equívoco imaginar o jornalista como especialista em diferentes áreas do conhecimento. No cotidiano das redações, o jornalista, quase sempre, passa por um “*carrossel*” de editorias e funções, configurando a principal característica do mercado jornalístico brasileiro, qual seja, a mobilidade do profissional. Em muitos casos, conforme a demanda, o jornalista está presente em diferentes mídias (impressa, eletrônica e digital), assessorias de comunicação (empresariais e institucionais) e, mais recentemente, no universo acadêmico e de pesquisa. Os principais objetivos são o de propor uma análise mais crítica do jornalismo especializado, com ênfase no jornalismo científico, desenvolvido, atualmente, no Brasil, e redimensionar o conceito e as suas implicações, propondo a construção de um novo paradigma e a sua aplicação não só no cotidiano jornalístico, como também, enquanto disciplina nos cursos de graduação e pós-graduação. Apresentam-se análises de casos envolvendo a produção jornalística do próprio autor como forma de demonstrar algumas tendências atuais.

JORNALISMO CIENTÍFICO  
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA  
DIFUSÃO CIENTÍFICA  
DISSEMINAÇÃO CIENTÍFICA

INTRODUÇÃO

À medida que as especializações se tornam crescentes em quase todas as áreas do conhecimento, o jornalismo começa a evocar também para si as especializações. Mediante esta realidade, nas últimas décadas, despontou o termo jornalismo especializado e as suas subdivisões como jornalismo econômico, jornalismo científico, jornalismo político e outros, compondo-se, inclusive, como disciplinas nos cursos de graduação e, em alguns casos, nos cursos de pós-graduação. No entanto, deve-se questionar se é possível

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP09 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



existir um jornalismo especializado. Para responder essa questão é preciso redimensionar o termo e inseri-lo dentro de um contexto mais amplo do jornalismo.

A pesquisa proposta parte do princípio que é um equívoco imaginar que o jornalista possa tomar para si a idéia de que é especialista em áreas do conhecimento. No cotidiano das redações jornalísticas, o jornalista quase sempre passa por um carrossel de editorias e funções. Aliás, a principal característica do mercado jornalístico brasileiro é a mobilidade do profissional jornalista. Em muitos casos, conforme a demanda do mercado, o jornalista estará presente em diferentes mídias (impressa, eletrônica e digital) assessorias de comunicação (empresariais e institucionais) e, mais recentemente, no universo acadêmico e de pesquisa.

Se há, então, este perfil profissional moldado pelo mercado, por qual motivo, então, se insiste afirmar que é possível existir um jornalista especializado? Duas argumentações podem ser levantadas. A primeira é a existência de uma confusão semântica em relação ao termo jornalismo especializado. Na maioria das vezes, atribui-se ao conceito de jornalismo especializado o simples fato de o jornalista cobrir áreas especializadas. Ou seja, se ele está cobrindo, por exemplo, matérias de ciências, considera-se que o profissional esteja desenvolvendo jornalismo científico; se economia, jornalismo econômico; se política, jornalismo político e assim por diante.

No entanto, não se pode afirmar que exista jornalismo científico ou jornalismo político ou outros porque seria necessário observar em cada um destes tipos de jornalismo características próprias e marcantes. Isso, de fato, não ocorre, porque num primeiro momento, se observa que ao cobrir áreas especializadas, a forma de captação e a forma de tratamento da informação são as mesmas, não existindo tratamento especial para nenhuma destas áreas.



Observa-se, também, uma confusão entre a especialidade jornalística e a rotina jornalística. Não há dúvidas que um jornalista (principalmente setorista) que cobre diariamente ou rotineiramente determinada área do conhecimento irá desenvolver habilidade maior na cobertura daquela área, mas isso não poderá lhe dar a pseudo-ideia de ser especialista.

Mesmo que o jornalista cubra no decorrer da sua vida profissional, por exemplo, apenas a área de esportes, irá se deparar com inúmeras dificuldades. A dimensão da área de esportes é tão vasta, que o profissional terá, cotidianamente, de se preparar para a captação de informações já que esportes envolvem inúmeras modalidades, como futebol, tênis, jôquei, esqui, hóquei, dentre outras, além de especialidades, envolvendo fisioterapia, fisiologia, nutrição, estudo de anabolizantes, conhecimento das novas tecnologias na construção de materiais esportivos e no preparo do atleta e uma gama de outras informações. Portanto, como o profissional jornalista que cobre esportes poderá ousar dizer ser um especialista em jornalismo esportivo?

Desta forma, não se pode pensar que se trata de jornalismo especializado o simples fato de se estar cobrindo áreas especializadas e tampouco pelo fato de o jornalista cobrir, cotidianamente, apenas uma área.

A proposta desta pesquisa é, justamente, construir um novo paradigma para o jornalismo especializado que extrapole o senso comum. O jornalismo especializado envolve muita mais a essência das ciências da comunicação, por exigir do profissional a contextualização dos fenômenos, as suas conexões, permitindo o resgate do passado para a interpretação do presente e a projeção para o futuro.

## OBJETIVOS



Os principais objetivos desta pesquisa são o de propor uma análise crítica do jornalismo especializado, com ênfase no jornalismo científico, desenvolvido atualmente no Brasil, e redimensionar o conceito e as suas implicações, propondo a construção de um novo paradigma e a sua aplicação não só no cotidiano jornalístico, como também, enquanto disciplina nos cursos de graduação e pós-graduação.

## JUSTIFICATIVA

A primeira pergunta que deve ser formulada ao pensar em jornalismo especializado é se realmente existe jornalismo especializado. Segundo Otto Groth (Bueno, 1972), o jornalismo se caracteriza por alguns princípios básicos como universalidade, periodicidade, atualidade e difusão coletiva. Para ele, estes elementos juntos é que vão possibilitar a compreensão do fenômeno jornalístico. Esta também é a posição de Edvaldo Pereira Lima (1993, p. 21), em *Páginas ampliadas*. Em sua visão, "*o jornalismo serve ao propósito de informar e orientar sobre fatos da atualidade, mantendo um vínculo de contato periódico com a audiência, que é dispersa geográfica e socialmente, tratando de temas que dizem respeito aos mais variados campos do saber humano.*" Ou seja, jornalismo é, antes de tudo, a busca da contemporaneidade, em que se resgata o passado para entender o presente e projetar o futuro.

Portanto, o que se pode afirmar é que existem jornalismo, que podem atuar ou cobrir algumas áreas específicas, mas preservando as suas principais características: a informação. Assim, não é possível se falar em um jornalismo especializado, mas sim de jornalismo que vão cobrir áreas especializadas. Nesta concepção, informar significa passar ao leitor o maior número de dados quantitativos e qualitativos para que ele possa reconstruir a realidade de um fato. É evidente que ao estar informando, o jornalista também está reelaborando a sua realidade e está passando a sua versão do fato.

A linguagem jornalística prima por ser direta, informativa e rica em detalhes relevantes. No entanto, o texto jornalístico é muito mais que o simples *lead*, *sub-lead*, desenvolvimento e conclusão - as formas tradicionais de se fazer um texto jornalístico, envolvendo as famosas pirâmides invertidas e normais. Ele, também, pode ser carregado de elegância e estilo próprios do jornalista, mas que vão garantir a linguagem jornalística básica e responder não importa se no primeiro parágrafo ou no decorrer do texto as questões básicas da informação: o que?, quem?, quando?, onde?, como?, e por que?



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Quanto a uma publicação especializada, se for jornalística, deve garantir os princípios básicos da informação e da linguagem jornalística. A primeira necessidade, ao se estar fazendo uma publicação específica, é o conhecimento do público a que se destina para poder adaptar a informação jornalística dentro de parâmetros mais maleáveis ao leitor. Assim, se é uma publicação voltada para um público de adolescentes, pode-se fazer todas as formas de peripécias na diagramação, garantindo uma editoração gráfica arrojada.

A pergunta é: e a linguagem deve ser diferente? A linguagem muda, mas não pode ser fechada em jargões. Se ficar incompreensível para o leitor que não faz parte daquele grupo, então, o texto pode ser tudo, menos jornalístico.

No caso de um projeto que vai envolver um público de um universo comum, como por exemplo, um hospital, mas na essência heterogêneo -, partindo do princípio de que dentro deste hospital existe desde a faxineira até o médico -, então a linguagem jornalística sóbria e mesmo a diagramação mais sóbria são o melhor recurso. Os modelos que podem ser adotados, neste caso, são as revistas de circulação mensal ou semanal e, mesmo, os jornais diários. Pois eles atendem um leitor heterogêneo, atingindo-o com um tipo de produção gráfica que é possível de ser assimilada por todos.

Assim, a publicação especializada ou voltada para temas especializados pode ser perfeitamente adaptada à criatividade do jornalista, dando um tom diferenciado e um texto mais agradável. Mas para ser jornalístico deve preservar os princípios jornalísticos, que vão esbarrar na informação. Se não tiver preocupação em informar, então, não é jornalístico.

**Aqui, reitera-se que a principal preocupação da pesquisa proposta é a construção de um novo paradigma para o jornalismo especializado e, mais propriamente, no jornalismo científico. Seguindo a definição de Thomas Khun, em seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, paradigmas (termo que vem do grego *parádeigma*) são realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante um período de tempo, forneceram problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes da ciência. Nessa concepção, um primeiro sentido sociológico do conceito de paradigma indica toda a constelação de crença,**



**valores, procedimentos e técnicas partilhadas no consenso de uma comunidade determinada. Num segundo e mais profundo sentido, denota um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas de forma modelar ou exemplar, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos demais problemas da ciência normal (Crema, 1990).**

Em outras palavras, paradigma refere-se a modelo, padrão e exemplos compartilhados, significando um esquema modelar para a descrição, explicação e compreensão da realidade. É muito mais do que uma teoria, pois implica uma estrutura que gera teorias, produzindo pensamentos e explicações e representando um sistema de aprender a aprender, que determina todo o processo futuro de aprendizagem.

A descoberta de um novo paradigma inicia com a consciência da anomalia, ou seja, com o reconhecimento de um grave equívoco ou de uma falha fundamental, demonstrada pelo fato de a natureza violar, de forma significativa, as expectativas paradigmáticas vigentes. A anomalia ou o fracasso das regras consensuais existentes determina um sentimento de mal-estar generalizado provocado pelo funcionamento defeituoso, o que, por sua vez, gera uma crise, cujo maior significado é assinalar ter chegado o momento da renovação dos instrumentos, da refocalização. Nesse sentido a crise é instrutiva, representando o prelúdio de uma reorientação e afirmando-se como o pré-requisito para a revolução científica. Por esta razão, a habilidade para tolerar crises, capitalizando a sua tensão impulsionadora e o seu potencial criativo, é fundamental para o verdadeiro pesquisador. É em resposta à crise, que atua como oportunidade de crescimento e evolução, que surge um novo paradigma, reorientando a cosmovisão.

Partindo da visão de Khun, é importante buscar uma nova conceituação para o jornalismo especializado, uma vez que o seu atual conceito se fixa apenas em modelos cartesianos, quando não positivistas.

Para buscar uma nova concepção do jornalismo, é necessário resgatar toda a sua trajetória e as circunstâncias de sua ascensão. Segundo Virgílio Noya Pinto, a grande revolução nas comunicações que marca o início dos tempos modernos é a imprensa. Entre fins do século XV e a primeira metade do século XVI, a descoberta de Gutenberg difunde-se por quase toda a Europa. Vale mencionar que o objetivo aqui não é o de afirmar que a máquina é que marcou o início da imprensa, mas registrar o momento em que a idéia de imprensa, enquanto termo, passa a se configurar: "*Inicialmente, a utilização da imprensa restringe-se à editoração, à publicação de textos gregos, latinos, hebraicos e das obras dos humanistas.*" (Pinto, [199-], p. 33).

Em traços gerais, pode-se fazer o seguinte cronograma: em 1583, surge, na Alemanha, o primeiro jornal (era semestral); no início do século XVII, começam a aparecer os jornais semanais; em 1702, é criado o primeiro jornal diário (*Daily Courant*), consolidando quatro tipos de impressos: jornal político, jornal mercantil, jornal de anúncios e revista e magazine



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

(*Gentleman's Magazine*, surgida em 1731) e em 1777, surge o primeiro jornal diário francês (*Journal de Paris*). Para Pinto ([199-]), a imprensa, na Europa, teve um desenvolvimento lento devido à censura religiosa e política. Com Napoleão, a liberdade de imprensa é aparentemente conservada. Neste período, aparecem vários jornais da imprensa clandestina. Em 1810, a censura é estabelecida.

Na América Latina, o jornal vai ter espaço no século XVIII, podendo citar *Gaceta de Mexico* (1722), *Gaceta de Lima* (1743) e *Gaceta de Goathemala* (1729). Segundo J. Marques de Melo<sup>1</sup>, assim, como no restante do mundo, o aparecimento da imprensa no Brasil está vinculado ao Renascimento (marcados pelo capital comercial e ascensão da burguesia na Europa). Porém, a aventura da instalação da imprensa no Brasil, só vai ocorrer no século XVIII.

A ausência do capitalismo e da burguesia no período colonial; o não domínio da linguagem escrita portuguesa pelos habitantes do Brasil, que tornava sem estratégia a colonização dos portugueses; a ausência de vida urbana e de educação popular, dentre outros, são alguns dos motivos que levam ao atraso da implantação da imprensa no Brasil.

A imprensa oficial vai surgir, em 1808, no Brasil, com a vinda da Corte de Dom João VI (*Imprensa Régia*), mas antes algumas tentativas já tinham sido feitas. (1703, no Recife; 1746, no Rio de Janeiro; 1807, em Minas Gerais, que fazia impressões utilizando a técnica chinesa, no uso da tipografia, feita pelo padre José Joaquim Viegas). Durante o Primeiro Reinado e da Regência, os jornais brasileiros são marcados por um espírito polêmico, cultivando, exclusivamente, a opinião. Somente em 1877, os jornais brasileiros cedem algum espaço para a informação internacional (quando eram publicados os telegramas da agência Reuter-Havas).

A imprensa brasileira foi fonte de pesquisa das ciências humanas. Gilberto Freyre foi um dos primeiros a utilizá-la, juntamente com Pereira da Costa, que, segundo Freyre, foi o pioneiro: "*Dentre os homens de estudos brasileiros, o historiador, o folclorista e dialetologista Pereira da Costa foi talvez o que mais se salientou no aproveitamento de tão valioso material.*"

Amaro Quintas<sup>2</sup> lembra que os jornais eram considerados até então como fontes suspeitas para os estudos científicos. Segundo ele, "*é necessário que os nossos estudiosos de história e de sociologia se voltem para uma fonte de tal importância.*" Para Wilhelm Bauer<sup>3</sup>, por sua vez, "*a imprensa é como um*

<sup>1</sup> MELO, J. M. de **Formação e desenvolvimento da imprensa no Brasil**. p. 1-5.

<sup>2</sup> QUINTAS, A. **Notícias e anúncios de jornal**. p. 13.

<sup>3</sup> BAUER, W. **Introducción al estudio de la Historia**.

1 Trabalho apresentado no NP09 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



*diário de sua época, cuja consulta é necessária às gerações futuras, inclusive para descobrir os mais finos estímulos da vida pretérita.*” E mais, esta é a posição de Nilo Pereira<sup>4</sup> (19-- , p. 13):

*"Convenci-me uma vez mais da necessidade de ir aos velhos jornais para sentir neles a palpação das idéias. Já é tempo de reconhecermos no jornal uma fonte indispensável do conhecimento histórico. Ninguém teria uma noção exata do momento da escravidão - para citar um exemplo apenas - sem ler nesses velhos jornais os anúncios de venda ou fuga de escravos."*

Quando do II Encontro Nacional dos Estudantes de História, Universidade de São Paulo, 1971, o pesquisador Edgar Carone assim se posicionou: *"só nos jornais os historiadores poderão encontrar os elementos fundamentais para a reconstituição da História da República no Brasil."*

Florestan Fernandes (1965) e Roger Bastide (1951) também fizeram pesquisas sociológicas, retirando subsídios da imprensa, em suas respectivas obras, *Integração do negro à sociedade de classes* e *A imprensa negra no estado de São Paulo*. Para Bastide,

*"...a sociologia tem como um dos seus principais objetivos de estudo, o exame das representações coletivas, dos sentimentos mais gerais, característicos de um grupo, das atividades e das necessidades comuns a uma classe de indivíduos. Daí, a importância da imprensa que representa justamente essas aspirações e esses sentimentos coletivos."* (1951, p. 50).

Gilberto Freyre posiciona-se, em seu trecho *Jornais, história e psicologia*, inserido na publicação *Retalhos de jornais velhos*, afirmando:

*"As seções sociais nas folhas brasileiras, principalmente nas de província, constituem uma para-literatura de particular interesse para o psicólogo social. É aí que os aniversários, os falecimentos, os batizados, os casamentos, os desembarques são registrados ou anunciados com muito florido de frase. É aí que as mães deixam de ser mães para aparecerem com muito florido de frase. É aí que os funcionários surgem venerando progenitores. Ou acatados genitores..."* (p. 110-111).

A primeira tentativa de realizar estudos psicossociais, tomando a imprensa como fonte de informação se deve a Arthur Ramos, em 1935 e 1936, conforme consta de sua publicação *Introdução à psicologia social*: *"Do ponto de vista psicossociológico essa distribuição, a percentagem respectiva das notícias, o vocabulário empregado, o número de palavras... refletem os vários aspectos da vida, dos interesses, das tendências, das atitudes e da opinião do público."* (p. 208-209).

<sup>4</sup> PEREIRA, N. **Dom Vital e a questão religiosa no Brasil**. p. 13.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

E o trabalho de Éclea Bosi – *Leituras operárias: estudo de um grupo de trabalhadoras em São Paulo* – analisa os hábitos de leitura das trabalhadoras paulistas, observando o impacto psicológico que sobre elas apresenta a cultura impressa.

Em antropologia, Gilberto Freyre<sup>5</sup> foi o primeiro a descobrir a importância informativo-documental da imprensa, situando-se as suas pesquisas em anúncios de jornais, como diz este trecho retirado de publicação de sua autoria, *O escravo nos anúncios de jornais do tempo do império*: “Do ponto de vista antropológico, venho me utilizando há anos dos anúncios de escravos fugidos, para interpretações de predominâncias de tipo físico e de características culturais, que seriam impossíveis, sem o estudo de tão valioso material.” Também, o pesquisador Domingos Vieira Filho<sup>6</sup> analisou *A escravidão negra através de anúncios de jornais*. Gilberto Freyre também abre espaço em *Ordem e progresso*.

Outro pesquisador Azis Simão, da Universidade de São Paulo elaborou o trabalho *Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo*, onde afirma: “O material que serviu a este trabalho refere-se a um grande número de aspectos do sindicalismo e das condições econômico-sociais que, com ele, diretamente se relacionam.”

Outros pesquisadores, como José Albertino Rodrigues<sup>7</sup> e Paula Beiguelman<sup>8</sup>, também recorreriam aos jornais para análise política.

No âmbito do jornalismo que busca suas bases nos princípios da geografia, mais uma vez, se destaca o trabalho de Gilberto Freyre<sup>9</sup> sobre as atividades de técnicos alemães em Pernambuco. Jean Roche também aprofundou os estudos de geografia econômica e geografia cultural sobre a colonização alemã, tomando a imprensa como fonte de pesquisa, na obra *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*.

Na lingüística, um dos primeiros trabalhos realizados na área foi o do pesquisador tcheco Znebeck Hampejs. Sob o título *Linguagem da imprensa contemporânea*, aborda os diferentes aspectos da linguagem, através da imprensa, e assegura: “O jornal em suas diferentes seções, reflete não só a realidade em seus múltiplos aspectos, mas também o desenvolvimento da própria linguagem.”

Mais uma vez, retoma-se - *O escravo nos anúncios de jornais do tempo do Império* -, de Gilberto Freyre, em que afirma: “Nos anúncios das gazetas que nossos bisavôs liam pacamente à luz de vela ou de candeeiro, já se escrevia como se falava: já se escrevia português brasileiromente.”

---

<sup>5</sup> FREYRE, G. *O escravo nos anúncios de jornais do tempo do Império*.

<sup>6</sup> VIEIRA FILHO, D. *A escravidão negra através de anúncios de jornais*.

<sup>7</sup> RODRIGUES, J.A. *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*.

<sup>8</sup> BEIGUELMAN, P. *A grande imigração em São Paulo*.

<sup>9</sup> FREYRE, G. [Apresentação]. In: \_\_\_\_\_. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. 2. ed.

1 Trabalho apresentado no NPO9 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A primeira pesquisa quantitativa sobre jornalismo, no contexto brasileiro, foi feita pelo professor Pedro Parafita de Bessa, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

Analisou, à época, três jornais de Belo Horizonte, de 1944. Essa pesquisa, publicada em 1952, procurou caracterizar as mensagens publicadas nos jornais da capital mineira sob dois prismas específicos: o conteúdo; e o uso da linguagem, como detalhado por Melo (1972).

Segundo esse mesmo autor, nenhum outro trabalho foi feito no Brasil na década de 50 sobre jornalismo comparado. Em 1958, Danton Jobin chegou a pensar na criação de um Instituto de Estudos e Pesquisas sobre informação, à semelhança do Instituto Francês de Imprensa. O objetivo era estudar e interpretar a informação, em âmbito nacional, sob seus diversos aspectos. Mas, por falta de apoio dos órgãos governamentais de educação e cultura e das próprias empresas jornalísticas, a idéia nunca saiu do projeto.

Em 1961, Luiz Beltrão cria o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), que passa a ter identidade própria, com experimentação profissional. Em 1963, criaria o Instituto de Ciências da Informação, órgão anexo à UNICAP. Logo depois, seria iniciado outro projeto, o estudo da reportagem policial nos jornais do Recife. Em 1965, passa a difundir as experiências de Pernambuco através da revista *Comunicações & Problemas* e do Curso Nacional de Ciências da Informação. No ano seguinte, como diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, executa programas de pesquisa e ensino, convidando, inclusive, especialistas estrangeiros.

Ainda de acordo com Melo (1972), em 1967, criou-se, na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. No ano seguinte, seria a vez da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde é implantado o Serviço de Pesquisas de Jornalismo Comparado, com a finalidade de sistematizar as experiências brasileiras na área.

A pesquisa em Comunicação na América Latina constitui fenômeno cultural que tem início na década de 60. Segundo o autor supracitado, o surgimento e a evolução desta atividade científica foi conseqüência direta do próprio desenvolvimento dos meios de comunicação coletiva em todo o continente. Tudo isto, além de outras iniciativas institucionais, principalmente da UNESCO, no sentido de criar condições de infra-estrutura para que os meios de comunicação pudessem desempenhar um papel decisivo no processo de desenvolvimento da região, atuando como agentes de mudança cultural e social. Em uma Reunião sobre o Desenvolvimento dos Meios de Informação na América Latina, realizada em Santiago do Chile, em 1961, se



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

decidiu impulsionar as pesquisas na área de comunicação, dando enfoque à tecnologia da informação e ao regime jurídico dos meios de comunicação coletiva. Assim, se propunha fortalecer o CIESPAL (entidade recém-fundada na Universidade Central do Equador, com verbas da UNESCO), para a elaboração de um plano piloto de pesquisas.

É importante mencionar que vários fatores marcaram a evolução da pesquisa em comunicação, nos Estados Unidos da América do Norte (EUA), de modo tal que até bem pouco tempo se estabeleceu uma separação muito nítida entre a pesquisa realizada nas escolas de jornalismo e a pesquisa realizada nos centros de estudos em ciências sociais. Este mesmo fenômeno ocorreu na América Latina, onde a pesquisa de imprensa foi supervalorizada, com as escolas de jornalismo da América Latina priorizando as pesquisas de imprensa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa está dividida em três etapas. A primeira é a busca das atuais definições, conceitos e teorias envolvendo jornalismo, jornalismo especializado e jornalismo científico.

Numa segunda etapa, são feitas análises de duas produções jornalísticas desenvolvidas pelo próprio autor da pesquisa como proposta de mudança na linguagem jornalística especializada. A primeira é no âmbito da mídia impressa (revista) que seriam as matérias de capa da *Revista da APCD* (uma publicação de difusão científica voltada para a área de odontologia e utilizando a linguagem jornalística), de 1995 a 1998. As outras produções seriam os programas jornalísticos de entrevistas *Ciência em debate* (1996 a 1998) e *Unesp-Ciência* (a partir de 2001), veiculados pela Rádio *Unesp-FM*.

**A proposta é observar como ocorre o processo de produção jornalística em áreas especializadas e as suas mais diferentes implicações.**

## REFERÊNCIAS

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. **História da ciência**. São Paulo: Brasiliense, [199-].

ARBOR. *Ciência, pensamiento y cultura*. In: \_\_\_\_\_. **La ciencia y la opinión pública**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.

BASTIDE, R. **A imprensa negra no estado de São Paulo**. São Paulo: FFLCH-USP, 1951.

1 Trabalho apresentado no NP09 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BAUER, W. **Introducción al estudio de la Historia**. [S. l.: s.n, 19--].

BELAU, A. F. **La ciencia periodística de Otto Groth**. Pamplona: Instituto de Periodismo de la Universidade de Navarra, 1996.

BELTRÃO, L. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BESSA, P. P. Uma análise do conteúdo dos jornais. **Revista do Arquivo Municipal**, Belo Horizonte, ano 18, n. 169, 1952.

BOSI, É. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1994.

BROCKMAN, J.; MATSON, K. **As coisas são assim: pequeno repertório científico do mundo que nos cerca**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Instituto de Pesquisas de Comunicação Jornalística e Editorial/ECA-USP, 1988.

\_\_\_\_\_. **O jornalismo como disciplina científica: a contribuição de Otto Groth**. São Paulo: ECA-USP, 1972. (Digitado).

BUNGE, M. **La ciencia, su método y su filosofía**. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1988.

CAMARGO, A. M. de A. **A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil**. São Paulo: FFLCH, 1939.

\_\_\_\_\_. **A imprensa periódica como objeto de instrumento de trabalho**. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1975.

CAPELATO, M. H. **O bravo matutino: imprensa e ideologia; o jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Pannartz, 1980.

CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHAPARRO, M. C. da C. **A notícia (bem) tratada na fonte**. [199-]. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, [199-].

\_\_\_\_\_. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CREMA, R. **Introdução à visão holística**. São Paulo: Summus, 1990. Crema, Roberto.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

FERNANDES, F. **A integração do negro à sociedade de classes**. São Paulo: Dominus, 1965.

FERREIRA, R. A. Ciência em debate: jornalismo científico nas ondas do rádio. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 16, p. 81-86, set. 1998.

HERNANDO, M. C. **Ciencia y periodismo**. Barcelona: CIFI, 1990.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo. Campinas: UNICAMP, 1993.

MELO, J. M. de **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

OLIVA, Alberto (*Org.*). **Epistemologia**: a cientificidade em questão. Campinas: Papyrus, 1990.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

WARREN, B. **Jornalismo científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.